

TRADUÇÃO

DUGIN, Aleksandr. DA GEOGRAFIA SAGRADA À GEOPOLÍTICA. Capítulo 6, Parte 6, Livro II, da obra *Foundations of Geopolitics* (2000)¹

Rafael Regiani

Resumo: Neste texto Dugin defende um status de disciplina intermediário para a Geopolítica, localizada entre a ciência secular e a ciência tradicional, e utiliza-se dos ensinamentos absorvidos desta última, a geografia sagrada, para determinar o status ontológico dos povos dos diferentes hemisférios – Norte/Sul, Ocidente/Oriente –, e estabelecer relações geopolíticas entre eles, que revelam que a história possui seus condicionantes geográficos, reservando a cada povo um papel a ser desempenhado na trama da humanidade.

Palavras-Chave: Geografia Sagrada; Relações Norte-Sul; Relações Ocidente-Oriente.

FROM SACRED GEOGRAPHY TO THE GEOPOLITICS

Abstract: In this text Dugin argues for a status of intermediary discipline for Geopolitics, as being between the secular science and the traditional science, and utilizes the teachings learned from the latter, the sacred geography, to determine the peoples' ontological status of the different hemispheres – North/South, West/East –, and to establish geopolitical relations between them, which reveal that history has its geographical constraints, reserving to each people a role to be performed in the humankind's plot.

Key-Words: Sacred Geography; North-South Relations; West-East Relations.

DE LA GEOGRAFÍA SAGRADA HACIA LA GEOPOLÍTICA

Resumen: En este texto Dugin defiende un estatus de disciplina intermedia para la Geopolítica, entre la ciencia secular y la ciencia tradicional, y utiliza las enseñanzas absorbidas de esta última, la geografía sagrada, para determinar el estatus ontológico de los pueblos de los diferentes hemisferios – Norte/Sur, Occidente/Oriente –, y para establecer relaciones geopolíticas entre ellos, que revelan que la historia tiene sus condicionantes geográficos, reservando a cada pueblo una tarea a desempeñar en la trama de la humanidad.

Palabras-Clave: Geografía Sagrada; Relaciones Norte-Sur; Relaciones Este-Oeste.

¹ Tradução do Capítulo 6, Parte 6, do Livro II, da obra *Foundations of Geopolitics* (2000). A versão original, em inglês, traduzida por Jafe Arnold e John Stachelski, encontra-se em: <<https://eurasianist-archive.com/2019/10/29/alexander-dugin-from-sacred-geography-to-geopolitics/>>. Acessado em: 26/06/2022.

Geopolítica como uma Ciência ‘Intermediária’

Conceitos geopolíticos têm sido há tempos o fator mais importante na política moderna. Esses conceitos são baseados em princípios gerais que permitem a alguém prontamente analisar a situação de qualquer país e qualquer região individual.

Na forma em que existe hoje, a geopolítica é indubitavelmente uma ciência secularizada, ‘profana’, mundana. Contudo, entre todas as outras ciências modernas, é a geopolítica que preservou a maior conexão com a Tradição e as ciências tradicionais. René Guénon disse que a moderna química é o produto da dessacralização da ciência tradicional da alquimia, da mesma forma que a física moderna tem sua origem na mágica. Exatamente no mesmo sentido, alguém poderia dizer que a geopolítica moderna é o produto da secularização e dessacralização de outra ciência tradicional, aquela da geografia sagrada. Já que a geopolítica ocupa um lugar peculiar entre as ciências modernas e é frequentemente classificada como uma ‘pseudociência’, sua profanação não é quase tão completa e irreversível como no caso da química ou física. A relação da geopolítica com a geografia sagrada é mais nitidamente visível neste sentido. Portanto, nós podemos dizer que a geopolítica ocupa um lugar intermediário entre ciência tradicional (geografia sagrada) e ciência profana.

Terra e Mar

Os dois conceitos essenciais da geopolítica são Terra e Mar. São esses dois elementos – Terra e Água – que jazem na raiz da imaginação qualitativa dos humanos no espaço geográfico. Experimentando terra e mar, solo e água, o homem entra em contato com os aspectos fundamentais de sua existência. Terra é estabilidade, gravidade, fixidez, espaço como tal. Água é mobilidade, flexibilidade, dinamismo e tempo.

Esses dois elementos são, em sua essência, as manifestações mais óbvias da natureza material do mundo. Eles se erguem fora do homem: tudo é sólido ou fluído. Eles estão também dentro dele: no corpo e no sangue. O mesmo no caso do nível celular.

A universalidade das experiências de terra e água gera o conceito tradicional do Firmamento, já que a presença das Águas Superiores (a fonte da chuva) no céu também implica a presença de um elemento simétrico e necessário – solo, terra, a abóbada celestial. Todos juntos, Terra, Mar e Oceano, são em essência as principais categorias da existência terrena, e é impossível para a humanidade não ver nelas alguns dos atributos fundacionais do universo. Como os dois termos básicos da geopolítica, eles preservam seus significados para ambas as civilizações e para os Estados, pessoas e blocos ideológicos exclusivamente modernos. Ao nível dos fenômenos geopolíticos globais, Terra e Mar geram os termos Talassocracia e Telurocracia, isto é, ‘poder por meio do mar’ e ‘poder por meio da terra’ – Poder Marítimo e Poder Terrestre.

A força de qualquer Estado ou império é baseada sobre o desenvolvimento preferencial de uma dessas categorias. Impérios são ou talassocráticos, ou telurocráticos. O primeiro implica a existência de uma metrópole e colônias, o último uma capital e províncias numa ‘terra comum’. No caso da talassocracia, seu território não é unificado em um espaço terrestre, o que cria um elemento de descontinuidade. O mar é a força e a fraqueza do poder talassocrático. A Telurocracia, ao contrário, vangloria-se da qualidade de continuidade territorial.

A lógica geográfica e cosmológica a uma só vez complica este aparentemente simples modelo de divisão: o par ‘terra-mar’, pela sobreposição recíproca de seus elementos, origina as ideias de ‘terra marítima’ e ‘água terrestre’. A terra marítima é uma ilha, isto é, a base do império marítimo, o polo da talassocracia. ‘Água terrestre’ ou água no interior da terra significa rios, que predetermina o desenvolvimento dos impérios terrestres. No rio nós

encontramos a cidade, a capital, o polo da telurocracia. Esta simetria é simbólica, econômica e geográfica de uma só vez. É importante notar que o status de Ilha e Continente são definidos não muito na base da magnitude física como pelas peculiaridades da consciência típica de suas populações. Deste modo, a geopolítica dos EUA é de uma natureza insular apesar das dimensões da América do Norte, enquanto que a ilha do Japão geopoliticamente representa a mentalidade continental, etc.

Mais um detalhe é relevante: historicamente, a talassocracia é ligada ao Ocidente e ao Oceano Atlântico, enquanto que a telurocracia é associada com o Oriente e o continente eurasiático. O exemplo acima mencionado do Japão é explicado, assim, pelo efeito 'atrativo' mais forte da Eurásia.

Talassocracia e Atlantismo tornaram-se sinônimos bem antes da expansão colonial da Grã-Bretanha ou das conquistas portuguesa e espanhola. Bem antes da primeira onda migratória marítima, os povos do Ocidente e suas culturas já tinham começado suas mudanças para o Leste de seus centros localizados no Atlântico. O Mediterrâneo foi também dominado desde o Gibraltar para o Oriente Médio, e não no sentido contrário. Enquanto isso, escavações na Sibéria Oriental e Mongólia demonstram que antigos bolsões de civilização uma vez existiram lá, o que significa que as terras centrais do continente foram o berço da humanidade eurasiática.

O Simbolismo da Paisagem

Além dessas duas categorias globais de Terra e Mar, a geopolítica também opera com definições mais particulares. Formações marítimas e oceânicas podem ser diferenciadas entre realidades talassocráticas. Por exemplo, as civilizações marítimas do Mar Negro ou Mar Mediterrâneo são bem diferentes das civilizações dos oceanos, isto é, poderes insulares e povos habitando as costas do oceano aberto. Mais divisões particulares também existem entre civilizações de rios e lagos com relação a continentes.

A Telurocracia também tem suas próprias formas particulares. Alguém pode distinguir entre a civilização da estepe e a civilização da floresta, a civilização das montanhas e a civilização das planícies, a civilização do deserto e a civilização do gelo. Na geografia sagrada, diversas variedades de paisagens são entendidas como complexos simbólicos ligados às particularidades das ideologias ética, religiosa e estatal de diferentes povos. Mesmo naqueles casos onde nós lidamos com uma religião universalista, ecumênica, a personificação concreta de tal em um dado povo, raça ou Estado estará sujeita à adaptação ao contexto sacro-geográfico local. Desertos e estepes representam o microcosmo geopolítico dos nômades, e é precisamente nos desertos e nas estepes que a tendência telurocrática atinge seu ápice, já que o fator 'água' é minimamente presente. Os impérios do deserto e das estepes deveriam, portanto, logicamente ser as plataformas geopolíticas da telurocracia. Como um exemplo de um império da estepe, alguém poderia considerar o Império de Gengis Khan. Um exemplo típico de um império do deserto foi o Califado Árabe, que cresceu sob direta influência dos nômades.

Montanhas e civilizações da montanha são, mais frequentemente, arcaicas e fragmentárias. Países montanhosos não são geralmente fontes de expansão; na verdade, eles tendem a juntar as vítimas da expansão geopolítica de outras forças telurocráticas. Nenhum império tem seu centro em uma região montanhosa. Daqui a máxima frequentemente repetida da geografia sagrada, "montanhas são habitadas pelos demônios". De outro lado, a ideia de que montanhas podem conservar os traços residuais de antigas raças e civilizações é refletida pelo fato de que é precisamente nas montanhas que os centros sagrados da Tradição estão localizados. Alguém poderia mesmo dizer que as montanhas correspondem a alguma espécie de poder espiritual na telurocracia.

A combinação lógica de ambos os conceitos – as montanhas como um modelo hierático e o deserto como um régio – gera o simbolismo da colina, isto é, uma altura pequena ou média. A colina é um símbolo do poder imperial

erguendo-se acima do nível secular da estepe, mas ele não alcança o limite do poder supremo como no caso das montanhas. Uma colina é o lugar de morada para um rei, um conde, um imperador, mas não um sacerdote. Todas as capitais dos grandes impérios telurocráticos estão localizadas em uma colina ou colinas (frequentemente em sete Colinas – o número de planetas; ou em cinco – o número de elementos, incluindo o éter, e assim por diante).

A floresta na geografia sagrada é similar às montanhas num sentido claro. O simbolismo da árvore corresponde ao simbolismo da montanha (ambos o primeiro e o último designam o eixo mundial). Portanto, nas telurocracias a floresta também exerce uma função secundária, como ela também é o 'lugar dos sacerdotes' (os druidas, os magos, os eremitas), mas também ao mesmo tempo o 'lugar de demônios', isto é, resíduos arcaicos de um passado desaparecido. Deste modo, a floresta não pode servir como o centro de um império terrestre.

A tundra representa o análogo nortenho da estepe e do deserto, apesar de que o clima frio o faz muito menos significante de um ponto de vista geopolítico. Esta 'secundariedade' atinge seu apogeu com os icebergs, que, similarmente às montanhas, são zonas profundamente arcaicas. É dito que a tradição xamânica esquimó clama para um futuro xamã a partir sozinho no gelo, de onde o mundo do além será aberto a ele. Deste modo, o gelo é uma zona hierática, o limiar de um outro mundo.

Levando-se em conta essas características essenciais e mais gerais do mapa geopolítico, é possível definir as várias regiões do planeta de acordo com suas qualidades sagradas. Este método pode também ser aplicado às feições locais de uma paisagem ao nível de países individuais ou mesmo localidades individuais. É possível também traçar a convergência das ideologias e tradições do que são aparentemente povos muito diversos.

Leste e Oeste na Geografia Sagrada

No contexto da geografia sagrada, as direções cardinais possuem uma natureza especial, qualitativa. Visões da geografia sagrada podem variar através das tradições e do período de acordo com as fases cíclicas do desenvolvimento de uma dada tradição. Daqui porque as funções simbólicas das direções cardinais frequentemente variam. Sem entrar em detalhes, é possível formular a lei mais universal da geografia sagrada com relação ao Leste e Oeste.

A Geografia Sagrada, na base do 'simbolismo cósmico', tradicionalmente considera o Leste como a 'terra do Espírito', a terra paradisíaca, a terra da perfeição, abundância, a 'terra-natal' sagrada em sua forma mais plena e completa. Em particular, esta ideia é espelhada na Bíblia, onde o Éden tem uma posição oriental. Mesmo entendimento é característico das outras tradições abraâmicas (Islam e Judaísmo), bem como das muitas tradições não-abraâmicas, tais como as tradições chinesa, hindu e iraniana. "O Oriente é a mansão dos deuses", afirma a fórmula sagrada dos antigos egípcios, e a palavra original 'Oriente', ou *neter* em egípcio, simultaneamente significa 'deus'. Do ponto de vista do simbolismo natural, o Oriente é o lugar onde o sol, a Luz do Mundo, o símbolo material da Divindade e o Espírito, ascende, ou *vostekeat* em russo, daí a palavra russa para 'Leste', *vosto*.

O Ocidente tem o significado simbólico oposto. É a 'terra da morte', o 'mundo sem vida', o 'país verde' (como os antigos egípcios o chamavam). O Ocidente é o 'império do exílio' e a 'cova dos rejeitados' nas expressões dos místicos islâmicos. O Ocidente é o 'anti-Oriente', o país do sol poente (*zakat* em russo), decadência, degradação, e transição do manifesto para o não-manifesto, da vida para a morte, da completude para a necessidade, e assim por diante. O Ocidente [*zapad* em russo] é o lugar onde o sol desce, onde ele 'afunda' (*zapadaet*).

É de acordo com esta lógica de simbolismo cósmico natural que antigas tradições organizavam seu 'espaço sagrado', fundavam seus centros de culto,

lugares de enterro, templos e edifícios, e interpretaram as feições naturais e ‘civilizacionais’ dos territórios políticos, culturais e geográficos do planeta. Deste modo, a real estrutura de migrações, guerras, campanhas, ondas demográficas, construção de impérios, etc., era definida pela lógica primordial, pragmática da geografia sagrada.

Povos e civilizações possuem caráter hierárquico que se estende ao longo do eixo Oriente-Occidente – quanto mais perto do Oriente, mais perto eles estavam do Sagrado, da Tradição, da abundância espiritual. Quanto mais perto do Occidente, mais do Espírito decaído, degradado e morto.

É claro, esta lógica não era sempre absoluta, mas também não era nem menor nem relativa como ela tem sido erroneamente considerada por muitos estudiosos ‘profanos’ de antigas religiões e tradições hoje. Aliás, na verdade, a lógica sagrada e o traçar do simbolismo cósmico eram muito mais conscientemente reconhecidos, entendidos e praticados pelos antigos povos do que é aceitavelmente acreditado hoje. Mesmo em nosso mundo anti-sagrado, os arquétipos da geografia sagrada são quase sempre retidos em sua totalidade no nível do ‘inconsciente’, e são despertados nos momentos mais críticos e importantes dos cataclismos sociais.

Deste modo, a geografia sagrada afirma de maneira unívoca a lei do ‘espaço qualitativo’, no qual o Oriente representa o simbólico ‘mais ontológico’, e o Occidente o ‘menos ontológico’. De acordo com a tradição chinesa, o Oriente é *Yang*, ou o masculino, brilhante, princípio solar, e o Occidente é *Yin*, o princípio feminino, escuro e lunar.

Oriente e Occidente na Moderna Geopolítica

Agora nós devemos ver como esta lógica sacro-geográfica é espelhada na geopolítica, que, na capacidade da ciência exclusivamente moderna, fixa meramente no arranjo factual dos assuntos, deixando os princípios sagrados em si fora da estrutura e fora do quadro.

A Geopolítica, em sua formulação original por Ratzel, Kjellen e Mackinder (e depois por Haushofer e os eurasianistas russos), tomou como seu ponto de partida as peculiaridades dos diferentes tipos de civilização e Estados em relação a sua dependência na disposição geográfica. Os geopolíticos estabeleceram o fato que há uma diferença fundamental entre poderes 'insulares' e 'continentais', entre civilização 'ocidental', 'progressiva' e as formas culturais 'orientais', 'despóticas', 'arcaicas'. Na medida em que a questão do Espírito, em seu entendimento metafísico e sagrado, geralmente nunca é levantada na ciência moderna, os geopolíticos também a desprezaram, preferindo valorizar situações em termos diferentes, mais modernos, do que aqueles de 'sagrado', 'profano', 'tradicional', 'anti-tradicional', etc.

Os geopolíticos identificaram as diferenças principais entre o desenvolvimento político, cultural e industrial das regiões orientais e das ocidentais ao longo dos poucos séculos passados. O quadro desse modo derivado é o seguinte: o Ocidente é o centro do desenvolvimento 'material' e 'tecnológico'. No nível cultural-ideológico, tendências 'liberal-democráticas' e visões de mundo individualistas e humanistas prevalecem no Ocidente. No nível econômico, a prioridade é designada para o comércio e a modernização econômica. As teorias do 'progresso', 'evolução', e o 'desenvolvimento progressivo da história', que são completamente alienígenas ao mundo tradicional oriental (e também à história ocidental naqueles períodos quando uma rigorosa tradição sagrada estava lá estabelecida, como era o caso na Idade Média), apareceu pela primeira vez no Ocidente. No nível social, a coerção no Ocidente adquiriu só um caráter econômico, e a Lei da Ideia e da Força foi gradualmente substituída pela Lei do Dinheiro. Uma 'ideologia ocidental' peculiar foi gradualmente moldada na fórmula universal da 'ideologia dos direitos humanos', que tornou-se o princípio dominante na maioria das regiões ocidentais do planeta – América do Norte, primeiro e principalmente os Estados Unidos da América. No nível industrial, esta ideologia correspondeu

com a noção de ‘países desenvolvidos’, e no nível econômico é relacionada aos conceitos de ‘livre mercado’ e ‘liberalismo econômico’.

O total agregado dessas feições, junto com a integração estratégica, puramente militar, de diferentes setores da civilização ocidental, é definido hoje pelo conceito de ‘Atlantismo’. No século prévio, os geopolíticos falavam de ‘civilização anglo-saxã’ ou ‘democracia capitalista, burguesa’, mas o ‘Ocidente geopolítico’ desde então encontrou sua personificação mais pura na forma ‘atlantista’.

O Oriente geopolítico representa o oposto direto do Ocidente geopolítico. Ao invés de modernização, aqui (nos ‘países menos desenvolvidos’) prevalecem modos de produção tradicionais, arcaicos, do tipo corporativo ou manufatureiro. Ao invés da coerção econômica, o Estado mais frequentemente emprega a coerção ‘moral’ ou simplesmente física (a Lei da Ideia e a Lei da Força). Ao invés de ‘democracia’ e ‘direitos humanos’, o Oriente gravita ao redor de totalitarismo, socialismo e autoritarismo, isto é, em torno de vários tipos de regimes sociais cuja única característica comum é que no centro de seus sistemas não está o ‘indivíduo’ ou ‘homem’ com seus ‘direitos’ e seus ‘valores individuais’ peculiares, mas algo supra-individual, supra-humano, seja ele a ‘sociedade’, ‘a nação’, ‘o povo’, ‘a ideia’, ‘a *Weltanschauung*’, ‘a religião’, ‘o culto ao líder’, etc. O Oriente contradiz a democracia liberal ocidental com a diversidade de tipos de sociedades não-liberais, não-individualistas, variando de monarquias autoritárias a teocracias ou socialismo. Além disso, de um ponto de vista tipológico, geopolítico puro, a especificidade deste ou daquele regime é secundária em comparação à divisão qualitativa entre ‘ordem Ocidental’ (=‘individualista, mercantil’) e ‘ordem Oriental’ (=‘supra-individual – baseado na força’). A URSS, China comunista, Japão até 1945 e Irã de Khomeini foram representativos de tal civilização anti-Ocidental.

É curioso notar que Rudolf Kjellén, o primeiro autor a cunhar o termo ‘geopolítica’, ilustrou a diferença entre Ocidente e Oriente no seguinte exemplo:

Uma frase preferida típica do Americano ordinário é *'go ahead'*, o qual literalmente significa 'vá em frente'. Nisto é refletido o otimismo geopolítico intrínseco e interno e 'progressivismo' da civilização americana, que é a forma extrema do modelo ocidental. Os russos, de outro lado, habitualmente repetem a palavra *nichego* ['nada']. Isto manifesta o 'pessimismo', 'contemplação', 'fatalismo', e 'adesão à tradição' peculiar do Oriente.

Se nós agora retornarmos ao paradigma da geografia sagrada, nós vemos um antagonismo direto entre as prioridades da geopolítica moderna (e conceitos tais como 'progresso', 'liberalismo', 'direitos humanos', e 'ordem comercial', etc., são hoje termos positivos para a maioria das pessoas), e as prioridades da geografia sagrada, que avaliam diferentes tipos civilizacionais de um ponto de vista completamente oposto (do ponto de vista de conceitos tais como 'espírito', 'contemplação', 'submissão à força supra-humana ou ideia supra-humana', 'ideocracia', etc., que em civilizações sagradas são exclusivamente positivos, e permanecem tal até este dia para os povos orientais no nível do 'inconsciente coletivo'). Os geopolíticos modernos (com as exceções dos eurasianistas russos, os seguidores alemães de Haushofer, os fundamentalistas islâmicos, etc.) analisam e imaginam o mundo de uma perspectiva oposta daquela da geografia sagrada tradicional. Mas nisto, ambas as ciências ainda convergem em suas descrições das leis fundamentais do quadro geográfico das civilizações.

Norte Sagrado e Sul Sagrado

Em adição ao determinismo sacro-geográfico ao longo do eixo Leste-Oeste, um problema extremamente relevante é posto por outro eixo, de orientação vertical – aquele do Norte-Sul. Aqui, como em todos os outros casos, os princípios da geografia sagrada, o simbolismo dos pontos cardinais, e os continentes relacionados com cada, tem um análogo direto no quadro geopolítico do mundo, que ou é naturalmente construído sobre o curso do processo histórico, ou é consciente e artificialmente formado como um resultado das ações propositais de líderes desta ou daquela formação

geopolítica. Do ponto de vista da Tradição Integral, a diferença entre ‘artificial’ e ‘natural’ é geralmente um pouco relativa, já que a Tradição nunca reconheceu qualquer coisa nos gostos dos dualismos cartesianos ou kantianos que separam estritamente o ‘subjetivo’ e o ‘objetivo’ (ou o ‘fenomenal’ e o ‘numenal’). Portanto, o determinismo sagrado de Norte ou Sul não é só um fator físico, natural, ou terreno-climático (isto é, algo ‘objetivo’), nem é meramente uma ‘ideia’ ou ‘conceito’ gerado pelas mentes dos indivíduos (isto é, algo ‘subjetivo’). Ao invés disso, ele é alguma espécie de Terceira forma que é superior a ambos os polos objetivo e subjetivo. Alguém poderia dizer que o Norte sagrado, ou o arquétipo do Norte, foi ao longo do curso da história dividido na paisagem natural do Norte de um lado, e a ideia do Norte, ou ‘Nordicismo’, de outro lado.

A mais antiga e primordial camada de Tradição inequivocadamente afirma o primado do Norte sobre o Sul. O simbolismo do Norte corresponde à Fonte, ao paraíso original do qual toda a civilização humana origina. Antigos textos iranianos e zoroastristas falam do país do norte de Airyana Vaeja, com sua capital em Vara, do qual os antigos arianos foram expulsos pela glaciação enviada sobre eles por Ahriman, o espírito do Mal e oponente do brilhante Ormuzd. Os antigos *Vedas* também falam de uma terra ao norte como o lar ancestral dos hindus, a *Śveta-dvīpa*, a Terra Branca situada no extremo norte. Os antigos gregos falam de Hiperbórea, a ilha do norte com a capital em Thule. Esta terra era considerada a terra natal do brilhante deus Apolo. Em muitas outras tradições, alguém pode detectar os mais antigos traços, tão frequentemente esquecido e fragmentário, deste simbolismo ‘Nórdico’.

A ideia fundamental tradicionalmente associada com o Norte é a ideia do Centro, o Polo Imóvel, o ponto de Eternidade em volta da qual gira não só o ciclo do espaço, mas também o ciclo do tempo. O Norte é a terra onde o sol nunca se põe, mesmo à noite, é o espaço da luz eterna. Toda tradição sagrada honra o Centro, o Meio, o ponto onde contrastes convergem, o lugar simbólico que não está sujeito às leis cósmicas da entropia. Este Centro, cujo símbolo é

a Suástica (que enfatiza simultaneamente a imobilidade e constância do Centro, e a mobilidade e mutabilidade da periferia), adquiriu diferentes nomes para cada tradição, mas tem sempre sido direta ou indiretamente ligado ao simbolismo do Norte. Portanto, nós podemos dizer que todas as tradições sagradas são, em essência, a projeção da Tradição Primordial Una do Norte adaptada para todas as condições históricas diferentes. O Norte é o Ponto Cardinal escolhido pelo Logos primevo a fim de se revelar na História, e cada uma de suas manifestações posteriores só recriaram este simbolismo polar-paradisíaco primordial.

Na geografia sagrada, o Norte corresponde ao espírito, luz, pureza, completude, unidade, e eternidade. O Sul simboliza algo diretamente oposto – materialidade, escuridão, mistura, privação, pluralidade, e imersão na corrente do tempo e do vir-a-ser. Mesmo de um ponto de vista natural, em áreas polares há um longo Dia semi-anual e uma longa Noite semi-anual. Este é o Dia e a Noite dos deuses e heróis, dos anjos. Mesmo as tradições decaídas lembram este Norte Cardinal, sagrado, espiritual, sobrenatural, recordando as regiões do norte serem o lugar de morada de ‘espíritos’ e ‘forças do além’. No Sul, o Dia e a Noite dos deuses são fragmentados em dias humanos – aqui o simbolismo primordial de Hiperbórea foi perdido, e suas memórias tornaram-se meras peças de ‘cultura’ ou ‘lenda’. O Sul em geral corresponde frequentemente à cultura, isto é, aquela esfera da atividade humana que o Invisível e Puramente Espiritual adquire contornos materiais, concretos, visíveis. O Sul é o reino de substância, vida, biologia e instintos. O Sul corrompe a pureza da Tradição do Norte, mas preserva seus traços em feições materializadas.

O par Norte-Sul na geografia sagrada não é reduzido a uma oposição abstrata de Bem e Mal. Ele é mais bem a oposição da Ideia Espiritual e sua personificação áspera, material. Em casos normais, em que o Sul reconhece o primado do Norte, existem relações harmoniosas entre essas ‘partes de luz’; o Norte ‘espiritualiza o Sul’, os mensageiros nórdicos trazem Tradição para os do Sul e preparam as fundações de civilizações sagradas. Se o Sul falha em

reconhecer o primado do Norte, então deste modo começa a confrontação sagrada, a ‘guerra de continentes’. Na visão da Tradição, o Sul é responsável por este conflito ao quebrar as regras sagradas. No *Ramayana*, por exemplo, a ilha do sul de Lanka é considerada o lugar de morada de demônios que raptaram a esposa de Rama, Sita, e declararam guerra ao Norte continental, com sua capital em Ayodhya.

Deste modo, é importante notar que na geografia sagrada o eixo Norte-Sul é mais importante do que o eixo Leste-Oeste. Mas sendo o mais importante, ele corresponde aos estágios mais antigos da história cíclica. A grande guerra Norte e Sul, de Hiperbórea e Gondwana (o antigo paleo-continente do Sul) pertence aos tempos ‘antediluvianos’. Nas últimas fases do ciclo, ele torna-se mais oculto, mais velado. Os paleo-continentes do Norte e do Sul desaparecem. Deste modo, o bastão da oposição é passado para o Leste e Oeste.

A mudança do eixo vertical Norte-Sul para o eixo horizontal Leste-Oeste, típica dos últimos estágios do ciclo, todavia salva a conexão lógica e simbólica entre esses dois pares sacro-geográficos. O par Norte-Sul (isto é, espírito-matéria, eternidade-tempo) é projetado no par Leste-Oeste (isto é, Tradição e Profanidade, Origem e Decadência). O Oriente é a projeção horizontal inferior do Norte. O Ocidente é a projeção horizontal superior do Sul. Fora desta transição de significados sagrados, alguém pode prontamente obter a estrutura da visão continental peculiar à Tradição.

Os Povos do Norte

O Norte Sagrado determina um tipo humano especial, que tem uma personificação biológica, racial, mas poderia também não ter tal coisa ao todo. A essência do ‘Nordicismo’ consiste na capacidade do homem elevar cada objeto do mundo físico, material a seu arquétipo, a sua Ideia. Esta qualidade não é um simples desenvolvimento de uma origem racional. Ao contrário, o

‘intelecto puro’ cartesiano e kantiano é por sua verdadeira natureza incapaz de ultrapassar a fina fronteira entre o ‘fenômeno’ e o ‘númeno’, enquanto que é precisamente esta habilidade que encontra-se no coração do pensamento ‘Nórdico’. O homem do Norte não é simplesmente branco, ‘ariano’ ou indo-europeu em termos de seu sangue, língua, e cultura. O homem do Norte é uma espécie particular de ser dotado com uma intuição direta do Sagrado. Para ele, o cosmos é uma textura de símbolos, cada um deles apontando na direção de um Primeiro Princípio Espiritual que é invisível ao olho. O homem do Norte é o ‘homem solar’, *Sonnenmensch*, que não absorve energia, como um buraco negro faz, mas distribui ela, as correntes de criação, luz, força, e sabedoria fluem de seu espírito.

A civilização nórdica pura desapareceu com os antigos hiperbóreos, mas seus mensageiros prepararam as fundações de todas as tradições presentes. Esta ‘raça’ nórdica de Professores estava nas origens das religiões e cultura de povos de todos os continentes e cores de pele. Traços de um culto hiperbóreo podem ser encontrados entre os indígenas da América do Norte, entre os antigos eslavos, entre os fundadores da civilização chinesa, e entre os nativos do Pacífico, entre os loiros alemães e os xamãs negros da África Ocidental, entre os peles vermelhas astecas e entre os mongóis com suas largos ossos do rosto. Não há povo no planeta que não tenha um mito sobre o ‘homem solar’, *Sonnenmensch*. Verdadeira espiritualidade, a Mente suprarracional, o Logos divino, e a capacidade de ver através do mundo a sua Alma secreta – esses são as qualidades definidoras do Norte. Onde quer que haja Pureza Sagrada e Sabedoria, lá, invisivelmente, está o Norte – não importa que ponto no espaço ou tempo nós habitamos.

Os Povos do Sul

O homem do Sul, o tipo Gondwana, é diretamente o oposto do tipo Nórdico. O homem do Sul vive num círculo de efeitos, de manifestações secundárias; ele mora no cosmos, que ele venera, mas não entende. Ele cultua

exterioridade, mas não interioridade. Ele cuidadosamente preserva traços de espiritualidade, suas personificações no meio material, mas ele não é capaz de proceder do 'simbolizante' ao 'simbolizado'. O homem do Sul vive pela paixão e velocidade, ele põe o psíquico acima do espiritual (que ele simplesmente não conhece) e cultua a Vida como uma autoridade mais alta. O culto da Grande Mãe, da matéria gerando a variedade de formas, é típico do homem do Sul. A civilização do Sul é a civilização da Lua, que só recebe luz do Sol (Norte), e preserva e difunde ela por algum tempo só para periodicamente perder contato com ela (a nova lua). O homem do Sul é um *Mondmensch*.

Quando o povo do Sul fica em harmonia com o povo do Norte, isto é, reconhece sua autoridade e sua superioridade tipológica (não racial!), a harmonia reina entre as civilizações. Quando eles clamam sua supremacia por causa de sua relação arquetípica com a realidade, lá ascende um tipo cultural distorcido, que pode ser globalmente definido pela adoração de ídolos, fetichismo ou paganismo (no sentido negativo, pejorativo deste termo).

Como é o caso com os paleo-continentes em si, os tipos puramente do Norte e do Sul existiram somente em tempos antigos remotos. O povo do Norte e o povo do Sul confrontaram um ao outro só em épocas primordiais. Mais tarde, muitos povos do Norte penetraram as terras do Sul, algumas vezes fundando expressões brilhantes de civilização Nórdica, tais como os antigos Irã e Índia. De outro lado, os povos do Sul algumas vezes foram na direção do extremo norte, carregando seu tipo cultural, tais como os finos, esquimós, chukchi, etc. A clareza original do panorama sacro-geográfico gradualmente tornou-se lamacenta. Mas apesar de tudo isto, o dualismo tipológico do 'povo do Norte' e do 'povo do Sul' tem sido preservado em todos os tempos e épocas, só não muito na forma de conflito externo entre duas civilizações miscelâneas, como um conflito interno dentro da estrutura de qualquer dada civilização.

O tipo do Norte e o tipo do Sul estiveram desde então, em algum momento na história sagrada, se opondo um ao outro em todas as vezes, independente dos lugares concretos no planeta.

Norte e Sul no Oriente e Ocidente

O tipo de povo do Norte pode ser projetado no Sul, Oriente e Ocidente. No Sul, a Luz do Norte gerou grandes civilizações metafísicas tais como os indianos, iranianos ou chineses, que, na situação do Sul 'conservador', por um longo tempo preservaram a Revelação que foram confiadas a eles. Entretanto, a simplicidade e clareza do simbolismo do Norte tornou-se aqui num complexo e miscelâneo emaranhado de doutrinas sagradas, sacramentos e ritos. Quanto mais ao Sul, mais fracos são os traços do Norte. E entre os habitantes das ilhas do Pacífico e África Meridional, motivos nórdicos na mitologia e sacramentos são preservados só em formas extremamente fragmentárias, rudimentares e mesmo distorcidas.

No Oriente, o Norte se manifesta como a sociedade tradicional clássica fundada na superioridade unívoca do supra-individual sobre o individual, onde o 'humano' e o 'racional' são retratados na visão do Princípio supra-humano ou suprarracional. Se o Sul dá à civilização 'estabilidade', então o Oriente define sua sacralidade e autenticidade, o maior garantidor do qual é a Luz do Norte.

No Ocidente, o Norte é manifesto em sociedades heroicas, onde tais tendências peculiares ao Ocidente, como fragmentação, individualização e racionalização, superaram-se, e o indivíduo, tornando-se o Herói, cresce fora da estrutura de personalidade do 'humano, demasiado humano'. O Norte no Ocidente é personificado pela figura simbólica de Hércules, que de um lado liberta Prometeu (a tendência puramente ocidental, tirânica, 'humanista'), e de outro lado ajuda Zeus e os deuses a derrotar a rebelião dos gigantes (isto é, serve para o bem das regras sagradas e a Ordem espiritual).

O Sul, ao contrário, projeta-se em todas as três orientações de acordo com uma imagem oposta. No Norte, ele dá o efeito de ‘arcaísmo’ e estagnação cultural. Mesmo as tradições mais ao norte, mais ‘nórdicas’, quando sob a influência do Sul de elementos ‘paleo-asiáticos’, ‘finlandeses’ ou ‘esquimós’, tomam os traços de ‘idolatria’ e ‘fetichismo’ (esta é a característica, em particular, da civilização germano-escandinava na ‘época dos Skalds’).

No Oriente, as forças da superfície Sul em sociedades despóticas, onde a indiferença oriental normal e justa para com o indivíduo torna-se na negação do grande Sujeito Supra-humano. Todas as formas de totalitarismo oriental, ambos tipológico e racial, são ligados ao Sul.

Finalmente, no Ocidente, o Sul é manifestado em formas extremamente duras, materialistas, de individualismo, em que o indivíduo atômico atinge o limite da degeneração anti-heroica, cultuando apenas o ‘bezerro dourado’ do conforto e hedonismo egoísta. Que esta combinação das duas tendências sacro-geopolíticas gera o tipo mais negativo de civilização é óbvio, desde que ela sobrepõe duas orientações que são já negativas – o Sul na linha vertical e o Ocidental na linha horizontal.

De Continentes a Meta-Continentes

Se, da perspectiva da geografia sagrada, o Norte simbólico indubitavelmente corresponde aos aspectos positivos, e o Sul ao negativo, então no quadro geopolítico exclusivamente moderno do mundo, tudo é muito complexo – e, em alguma extensão, mesmo de cabeça para baixo. A Geopolítica moderna entende os termos ‘Norte’ e ‘Sul’ como categorias inteiramente diferentes do que a geografia sagrada faz.

Primeiro de tudo, o paleo-continente do Norte, Hiperbórea, não existiu por muitos milênios no nível físico, mas permanece uma realidade espiritual na direção ao qual o olhar espiritual da vontade iniciada na Tradição primordial tem sido direcionado.

Em segundo lugar, a antiga raça nórdica, a raça dos ‘professores brancos’ que descende do polo na era primordial, não coincide ao todo com o que é hoje comumente chamado ‘raça branca’ baseada só em características físicas, cor da pele, etc. A Tradição do Norte e sua população original, os ‘autóctones nórdicos’, não existiram por algum bom tempo como uma realidade histórico-geográfica. Julgando pelas coisas como elas permanecem no presente, mesmo os últimos remanescentes desta cultura primordial desapareceram da realidade física alguns milênios atrás.

Deste modo, ‘o Norte’, observado em termos de Tradição, é uma realidade meta-histórica e meta-geográfica. O mesmo pode ser dito sobre a ‘raça hiperbórea’ – não é uma ‘raça’ no sentido biológico, porém mais em um sentido puramente espiritual, metafísico. O tópico de ‘raças metafísicas’ foi desenvolvido em detalhes na obra de Julius Evola.

O continente do Sul, ‘o Sul’ como ele existe nos termos Tradicionalistas, e sua população mais antiga não existiram por largo tempo. Em certo sentido, o ‘Sul’ em certo momento veio para compor praticamente o planeta inteiro, da mesma forma que a influência do centro polar iniciático original e seus mensageiros dissipou através do mundo inteiro. As raças modernas do Sul representam um produto de misturas múltiplas com as raças do Norte, e a cor de pele no geral cessou há muito tempo atrás de ser um sinal distintivo de pertencer a uma ou outra ‘raça metafísica’.

Em outras palavras, o quadro geopolítico moderno do mundo tem pouco em comum com a visão fundamentalmente supra-histórica e meta-temporal do mundo. Os continentes e populações de nossa época são extremamente bem distantes daqueles arquétipos aos quais eles correspondiam em tempos primordiais. Portanto, hoje existe não meramente uma discrepância, mas quase uma correspondência inversa entre continentes verdadeiros e raças verdadeiras (as realidades da geopolítica modernas) de um lado, e meta-continentes e meta-raças (as realidades da geografia sagrada tradicional) de outro lado.

A Ilusão do 'Norte Rico'

A Geopolítica moderna refere-se ao conceito do 'Norte' mais frequentemente ao lado do adjetivo 'rico' – o 'Norte rico', o 'Norte avançado'. Este termo refere-se a um agregado da civilização Ocidental que prende fundamental atenção ao desenvolvimento do lado material e econômico da vida. O 'Norte rico' é rico não porque ele é mais inteligente, mais intelectual ou mais espiritual do que o 'Sul', mas porque ele construiu seu sistema social no princípio de maximizar o material que pode ser extraído do potencial social e natural, da exploração de humanos e recursos naturais. A imagem racial do 'Norte rico' é ligada a pessoas com pele branca, uma feição que é central a várias versões, seja explícita ou implícita, de 'racismo Ocidental' (em particular, de racismo anglo-saxão). O sucesso do 'Norte rico' na esfera material foi elevado a um princípio político e mesmo 'racial' naqueles países que tornaram-se a vanguarda do desenvolvimento industrial, técnico e econômico, isto é, a Inglaterra, Holanda, e depois Alemanha e EUA. Neste caso, bem-estar material e quantitativo equivaleram a um critério qualitativo, e nesta base que os preconceitos mais ridículos sobre o 'barbarismo', 'primitivismo', 'subdesenvolvimento' e '*untermenschlichkeit*' dos povos do Sul (isto é, aqueles que não pertencem ao 'Norte rico') aconteceram. Tal 'racismo econômico' foi claramente manifestado na conquista colonial anglo-saxônica. Mais tarde, uma versão enfeitada foi introduzida nos aspectos mais ásperos e contraditórios da ideologia Nacional-Socialista. Os ideólogos nazistas frequentemente misturaram vagas suposições sobre 'Nordismo espiritual' e 'raça Ariana espiritual' com racismo vulgar, mercantilista, biológico de vertente inglesa. Esta substituição de categorias da geografia sagrada por categorias de desenvolvimento material e técnico era o aspecto mais absolutamente negativo do Nacional-Socialismo, e o elemento que levou ao seu colapso político, teórico e militar. Ainda, mesmo após a derrota do Terceiro Reich, esta espécie de racismo do 'Norte rico' não desapareceu da vida política. Agora, os EUA e seus parceiros atlantistas na Europa Ocidental tornaram-se seus portadores

primários. Nas mais recentes doutrinas globalistas do ‘Norte rico’, questões de pureza racial e biológica não são enfatizadas; contudo, na prática, as relações do Norte rico com os países subdesenvolvidos e menos desenvolvidos do Terceiro Mundo ainda avançam a típica arrogância ‘racista’ de ambos os colonialistas ingleses e os nacional-socialistas alemães ortodoxos da linha de Rosenberg.

De fato, o ‘Norte rico’, em termos geopolíticos, refere-se àqueles países onde forças diretamente opostas à Tradição venceram – as forças da quantidade, materialismo, ateísmo, degradação espiritual e degeneração emocional. O ‘Norte rico’ é radicalmente distinto do ‘Nordismo espiritual’ e do ‘espírito hiperbóreo’. A substância do Norte na geografia sagrada é o primado do espírito sobre a matéria, a vitória total e definitiva da Luz, Justiça e Pureza sobre a escuridão de vida animal, a arrogância das paixões individuais e a lama do egoísmo de base. A geopolítica globalista do ‘Norte rico’, ao contrário, significa exclusivamente bem-estar material, hedonismo, a sociedade do consumo, o pseudo-paraíso artificial e ‘livre de problemas’ daqueles que Nietzsche chamou de o ‘último homem’. O progresso material da civilização tecnológica tem sido acompanhado pela regressão espiritual monstruosa de toda cultura verdadeiramente sagrada. Do ponto de vista da Tradição, a ‘riqueza’ do Norte moderno, ‘avançado’, não pode servir como um critério genuíno de qualquer superioridade real sobre a ‘pobreza’ material e atraso tecnológico do ‘Sul primitivo’ moderno.

Além disso, a ‘pobreza’ material do Sul é talvez frequente inversamente ligada à conservação das regiões do Sul de formas genuinamente sagradas de civilização. A riqueza espiritual é algumas vezes disfarçada por trás da ‘pobreza’ ostensiva. Pelo menos duas tais civilizações sagradas ainda existem no espaço do Sul hoje, apesar de todas as tentativas pelo ‘Norte rico (e agressivo!)’ de impor suas próprias medidas e caminho de desenvolvimento em todo o mundo: a Índia hindu e o Mundo Islâmico. Em termos de tradições extremo-orientais, há vários pontos de vista: alguns veem certos princípios

tradicionais que foram sempre definitivos para a civilização chinesa, mesmo debaixo da retórica ‘marxista’ e ‘maoista’. Essas regiões do Sul são habitadas por povos que mantiveram suas devoções a tradições sagradas muito antigas, quase esquecidas. Comparado ao ‘Norte rico’ ateu e completamente materialista, esses povos são ‘espirituais’, ‘plenos’ e ‘normais’, enquanto que o ‘Norte rico’ em si é ‘anormal’ e ‘patológico’ de um ponto de vista espiritual.

O Paradoxo do ‘Terceiro Mundo’

Em termos de projeto globalista, o ‘Sul pobre’ é de fato um sinônimo de ‘Terceiro Mundo’. Esta parte do mundo era referida como a ‘terceira’ durante a Guerra Fria, uma noção que pressupunha que os outros dois ‘mundos’ – o capitalista avançado e o soviético menos avançado – fossem mais relevantes e significantes para a geopolítica do que todas as outras regiões. A expressão ‘Terceiro Mundo’ tem uma conotação pejorativa: de acordo com a lógica utilitária do ‘Norte rico’, tal definição torna os países de Terceiro Mundo equivalentes a uma ‘terra de ninguém’, a pouco mais do que um reservatório de recursos humanos humilhados para subserviência, exploração e manipulação. Assim fazendo, o ‘Norte rico’ habilmente jogou nas características religiosas e político-ideológicas tradicionais do ‘Sul pobre’, subjugando-o exclusivamente aos seus interesses econômicos e materialistas as estruturas que são, em termos de potencial espiritual, bem superiores ao ‘Norte rico’ em si. O ‘Norte rico’ tem quase sempre sucedido nesta subjugação, já que o momento cíclico de nossa civilização é conduzido a tendências pervertidas, anormais e antinaturais. Isto é devido ao fato de que, de acordo com a Tradição, nós estamos agora no último período de uma era obscura, a ‘*Kali Yuga*’. O Hinduísmo, Confucionismo, Islam e as tradições indígenas dos povos ‘não-brancos’ são apenas um impedimento às conquistas e intenções materiais do ‘Norte rico’; ainda, ao mesmo tempo, certos aspectos da Tradição são frequentemente apropriados para atingir seus objetivos mercantis através da manipulação de contradições, peculiaridades religiosas ou problemas

nacionais. Tais apropriações utilitárias de vários aspectos da Tradição para intenções exclusivamente anti-tradicionais tem sido um mal maior do que a negação categórica de todos os valores tradicionais, já que a maior perversão é, para o grande, ser feito subserviente ao 'nada'.

Em realidade, o assim chamado 'Sul pobre' é só 'pobre' em um nível material precisamente por causa de suas atitudes espirituais, tendo sempre reservado só um lugar menor e menos importante para os aspectos materiais da existência. O Sul geopolítico em nosso tempo preservou uma atitude tradicionalista unicamente na direção dos objetos do mundo externo, uma atitude calma, destacada e até indiferente que contrasta duramente as obsessões do 'Norte rico' com paranoia materialista e hedonista. As pessoas do 'Sul pobre', em virtude de viverem na Tradição, até hoje possuem existências mais completas, mais profundas e até mais magníficas. A participação em Tradição sagrada outorga sobre todos os aspectos de suas vidas pessoas um significado, uma intensidade, uma saturação, do qual o 'Norte rico' foi há muito privado. O último é deixado histérico com neuroses, medos materiais, desolação interior, e uma existência completamente inútil. É pouco mais do que um caleidoscópio lânguido com imagens tão vívidas quanto vazias.

Poderia ser dito que a correlação entre o Norte e o Sul em tempos primordiais têm uma correlação diretamente inversa em nossa época presente, já que é o Sul que hoje preserva algumas ligações com a Tradição, enquanto que o Norte definitivamente as perdeu. Contudo, esta afirmação não cobre o quadro inteiro da realidade, desde que a Tradição verdadeira não pode suportar tal tratamento humilhante como aquele praticado pelo 'Norte rico' agressivamente ateísta contra o 'Terceiro Mundo'. O fato do assunto é que a Tradição tem sido preservada no Sul só em uma forma inercial, fragmentária e parcial. Ele assegura uma posição passiva e só pode resistir, ele está permanentemente na defensiva. Deste modo, o Norte espiritual não se transferiu inteiramente para o Sul no Final dos Tempos – o Sul só acumula e

preserva impulsos espirituais que uma vez vieram do Norte sagrado. Nenhuma iniciativa tradicional ativa pode vir do Sul em princípio. Enquanto isso, o 'Norte rico' globalista gerencia para fortalecer seu domínio pernicioso do planeta, devido à especificidade das regiões do Norte que são conduzidas a atividade. O Norte foi e permanece por sua própria natureza o lugar escolhido do poder. Deste modo, iniciativas geopolíticas verdadeiramente efetivas vem do Norte.

O 'Sul pobre' hoje tem uma vantagem espiritual sobre o 'Norte rico', mas não pode servir como uma alternativa séria a agressão profana do 'Norte rico', nem pode ele oferecer um projeto geopolítico radical capaz de subverter a visão patológica do mundo moderno.

O Papel do 'Segundo Mundo'

No cenário geopolítico bipolar do 'Norte rico' vs 'Sul pobre', sempre existiu um componente adicional de significância crítica e autossuficiente. Isto é, o assim chamado 'Segundo Mundo', que é convencionalmente entendido significar o campo socialista que era integrado no sistema soviético. Este 'Segundo Mundo' não era bem o 'Norte rico', já que ele tinha motivos espirituais definidos que influenciavam secretamente a ideologia nominalmente materialista do socialismo soviético, nem era ele realmente o 'Terceiro Mundo', já que sobretudo uma orientação na direção do desenvolvimento material, 'progresso' e outros princípios exclusivamente profanos estavam no coração do sistema soviético. A URSS geopoliticamente eurásiana estava localizada simultaneamente na 'Ásia pobre' e Europa 'civilizada'. Durante o período socialista, o cinturão planetário do 'Norte rico' estava quebrado na Eurásia oriental, deste modo complicando a clareza das relações geopolíticas no eixo Norte-Sul.

O fim do 'Segundo Mundo' como uma civilização especial deixou o espaço eurásiano da ex-URSS com duas alternativas: ou integração ao 'Norte rico' (isto é, ao Ocidente e aos EUA), ou ser jogado para baixo, para o 'Sul

pobre', isto é, tornar-se um 'país de terceiro mundo'. Um possível compromisso seria a separação de algumas das regiões para o 'Norte' e algumas para o 'Sul'. Como tem sido frequente o caso ao longo dos últimos poucos séculos, a iniciativa de redistribuir espaços geopolíticos era prerrogativa do 'Norte rico', que cinicamente utilizou os paradoxos do 'Segundo Mundo' em si para fixar novas fronteiras geopolíticas e quebrar zonas de influência.

Fatores nacionais, econômicos e religiosos são regularmente instrumentalizados pelos globalistas como ferramentas para suas operações cínicas e de motivação profundamente materialista. Portanto, não é surpresa que, em adição a falsa retórica 'humanista', pretextos quase descaradamente 'racistas' são agora cada vez mais invocados para incitar russos a demonstrar 'complexo de superioridade branca' na direção dos asiáticos e caucasianos do Sul. Isto se correlaciona com o processo inverso do ex-'Segundo Mundo' sendo direcionado finalmente para o 'Sul pobre', que era acompanhado pelas manipulações de tendências fundamentalistas, da inclinação dos povos para a Tradição e do reavivar da religião.

O 'Segundo Mundo' em desintegração está sendo quebrado em partes ao longo de linhas de 'tradicionalismo' (o sul, inercial, conservador) e o 'anti-tradicionalismo' (o norte ativo, modernista e materialista). Este dualismo, que hoje está só sendo estrategizado, mas irá se tornar o fenômeno predominante na geopolítica eurásiana no futuro próximo, é predeterminado pelo espalhar do entendimento globalista do mundo em termos de 'Norte rico' e 'Sul pobre'. Qualquer tentativa para salvar o ex-Grande Espaço soviético, e qualquer tentativa de salvar o 'Segundo Mundo' como algo autossuficiente e balanceando-se a meio caminho entre o Norte e o Sul (em seu significado exclusivamente moderno), não pode ser bem-sucedida sem junto questionar a concepção fundamentalmente polar da geopolítica moderna, como entendida e realizada na sua forma atual, com proclamações humanitárias e econômicas enganosas.

O 'Segundo Mundo' está desaparecendo. Não há mais lugar para ele no mapa geopolítico moderno. Ao mesmo tempo, a pressão do 'Norte rico' no 'Sul pobre' está aumentando, com o último deixado para se virar contra a sociedade tecnocrática materialista agressiva do 'Norte' na ausência de um poder intermediário, tal como o Segundo Mundo era. Qualquer outro possível destino para o 'Segundo Mundo' só será possível se acompanhado por uma rejeição radical da lógica planetária da dicotomia Norte-Sul em sua veia globalista.

O Projeto para a 'Ressurreição do Norte'

O Norte rico globalista está espalhando sua dominação por todo o planeta através da partição e destruição do 'Segundo Mundo'. Na geopolítica moderna, isto também tem sido chamado de 'Nova Ordem Mundial'. As forças ativas da anti-tradição estão consolidando suas vitórias sobre a recalcitrância passiva das regiões do Sul que continuam a preservar seu atraso econômico e defender suas formas residuais de Tradição. As energias geopolíticas internas do 'Segundo Mundo' enfrentam uma escolha – ou ser anexado no 'cinturão do Norte civilizado' e decisivamente perder qualquer conexão com a história sagrada (que é o projeto do globalismo esquerdista), ou tornar-se um território ocupado permitido a restaurar parcialmente alguns aspectos da tradição (o projeto do globalismo de direita). Os eventos estão se desenvolvendo precisamente nesta direção hoje e eles continuarão no futuro próximo.

Quanto a uma alternativa, é teoricamente possível formular um caminho diferente para a transformação geopolítica baseada em rejeitar a lógica globalista Norte-Sul e em retornar o espírito da genuína geografia sagrada – à extensão que é possível agora, ao fim da era obscura. Este é o projeto do 'Grande Retorno' ou, em outros termos, a 'Grande Guerra dos Continentes'. Em suas feições mais gerais, a essência deste projeto é como segue:

(1) O Norte rico será oposto, não pelo 'Sul pobre', mas pelo 'Norte pobre'. O Norte pobre é o ideal sagrado de retorno para as fontes nórdicas da civilização.

Tal Norte é 'pobre' porque é baseado no ascetismo total, na devoção radical aos valores mais altos da Tradição, no ódio completo do material pelo bem do espiritual. O 'Norte pobre' existe (num sentido geográfico) na Rússia, que, essencialmente sendo o 'Segundo Mundo', resistiu sociopoliticamente à adoção da civilização globalista em suas formas mais 'progressivas' até o presente momento. As terras norte eurásianas da Rússia são os únicos territórios na Terra que não foram completamente dominados pelo 'Norte rico'. Eles são habitados por povos tradicionais e são uma terra incógnita no mundo moderno. O 'caminho do Norte pobre' para a Rússia significa recusar ser anexada pelo cinturão globalista e recusar ter suas tradições arcaicizadas, reduzidas ao nível folclórico de um reservatório etno-religioso. O 'Norte pobre' deve ser espiritual, intelectual, ativo e agressivo. Oposição potencial pelo 'Norte pobre' ao 'Norte rico' é possível em outras regiões também, talvez manifestando-se na parte da elite intelectual ocidental sabotando radicalmente o curso da civilização mercantil e rebelando-se contra o mundo moderno da finança para o bem dos antigos, eternos valores do Espírito, Justiça e Auto-Sacrifício. O 'Norte pobre' poderia deste modo lançar uma batalha geopolítica e ideológica contra o 'Norte rico', rejeitando seus projetos, destruindo seus planos de dentro e de fora, combatendo sua eficiência inoxidável e frustrando suas manipulações sociais e políticas.

(2) O 'Sul pobre', incapaz de se opor independentemente ao Norte rico, entrará numa aliança radical com o Norte eurásiano pobre e começará uma guerra de libertação contra a ditadura do Norte. É especialmente importante atacar os representantes da ideologia do 'Sul rico', isto é, aquelas forças que, trabalhando para o 'Norte rico', se posicionam pelo 'desenvolvimento', 'progresso' e 'modernização' de países tradicionais, os quais de outra maneira levam a mais abandono do que resta de Tradição sagrada.

(3) O 'Norte pobre' do Oriente eurásiano, junto com o 'Sul pobre', irão cercar o planeta inteiro, concentrando suas forças contra o 'Norte rico' do Ocidente atlantista. Esses esforços irão por um fim às versões vulgares do racismo

anglo-saxão e louvor da ‘civilização tecnológica dos povos brancos’ junto com sua propaganda globalista acompanhante. Alain de Benoist expressou esta ideia no título de seu famoso livro *Europe, Tiers Monde – même combat* [“Europa e Terceiro Mundo: A Mesma Luta”], o qual argumenta por uma ‘Europa espiritual’, uma ‘Europa de povos e tradições’, ao invés da ‘Europa de mercadorias de Maastricht’. O intelectualismo, ativismo e perfil espiritual do Norte sagrado e genuíno farão retornar as tradições do Sul para a sua Fonte Nórdica, e erguer os do Sul em um levante planetário contra o inimigo geopolítico comum. Assim fazendo, a resistência passiva do Sul irá formar uma cabeça de praia no messianismo planetário dos ‘Nordicistas’ que rejeitam radicalmente o ramo degenerado e anti-sagrado dos povos brancos que seguiram o caminho do progresso tecnológico e desenvolvimento material. Isto poderia iniciar uma Revolução Geopolítica planetária, supra-racial e supranacional baseada na solidariedade fundamental do ‘Terceiro Mundo’ com aquela parte do ‘Segundo Mundo’ que rejeita o projeto do ‘Norte rico’.

Ao longo do curso desta luta, a chama da ‘ressurreição do Norte espiritual’, a chama da Hiperbórea, transformará a realidade geopolítica. A nova ideologia global será aquela da Restauração Final, pondo um final à história geopolítica das civilizações – mas este não será o final que os porta-vozes globalistas do Fim da História teorizaram. A versão materialista, ateuista, anti-sagrada-tecnocrática, atlantista do Fim cederá a um epílogo diferente – a Vitória final do Avatar sagrado, a vinda do Grande Julgamento, que irá garantir àqueles que escolheram a pobreza voluntária o reino da abundância espiritual, enquanto que aqueles que preferiram a riqueza fundada no assassinato do Espírito serão condenados à danação eterna e tormenta no inferno.

Continentes perdidos irão surgir dos abismos do passado. Meta-continentes invisíveis irão aparecer na realidade. Uma Nova Terra e um Novo Céu emergirão.

Deste modo, o caminho não é da geografia sagrada para a geopolítica, mas, ao contrário, da geopolítica para a geografia sagrada.